DISCURSO POLÍTICO NA MÍDIA, "GOLPE" OU "IMPEACHMENT?" O VALOR DAS PALAVRAS

Maria Eleandrina Bueno (BIC/Fundação Araucária/UEPG), Cloris Porto Torquato (Orientadora), e-mail: clorisporto@gmail.com.

Universidade Estadual de Ponta Grossa/Departamento de Estudos da Linguagem.

Linguística aplicada

Palavras-chave: "Golpe", "impeachment", mídia, signo ideológico, discurso político.

Resumo

Neste trabalho, analisamos alguns textos jornalísticos midiáticos que mostram perspectivas ideológicas diferentes com relação ao golpe/impeachment, sofrido pela ex-presidenta do Brasil, Dilma Rousseff, deposta de seu mandato em 31 de agosto de 2016. O objetivo desta pesquisa é analisar esses textos jornalísticos, no gênero artigo de opinião, considerando os juízos de valor de quem fala/escreve sobre o processo de deposição da então presidenta do país. O referencial teórico do Círculo de Bahktin(2011) nos proporciona a fundamentação teórico-metodológica para a análise dos enunciados jornalísticos que tratam desta deposição, apresentando-a ora como golpe, ora como impeachment. Neste momento de instabilidade política e de desconfiança com relação ao futuro político do Brasil, consideramos importante o reconhecimento dos juízos de valor presentes nos discursos jornalísticos, para que possamos perceber as notícias de acordo com a ideologia de quem fala/escreve visando a melhor compreensão dos fatos, contribuindo com os estudos da linguagem em contexto.

Introdução

Nesta pesquisa, propomos analisar o valor dos signos (BAKHTIN/VOLOCHINOV,2014; BAKHTIN, 2003) "golpe" e "impeachment", presentes nos textos jornalísticos que tratam do processo de destituição de Dilma Rousseff da presidência do Brasil. Embora, em relação aos textos de notícias, se defenda uma posição de imparcialidade por parte dos jornalistas, no que se refere aos artigos de opinião se reconhece que esses são marcados pela tomada de posição de quem escreve, de modo que se percebe mais claramente as posições ideológicas de quem enuncia. Para o Círculo de Bakhtin, "A palavra é o fenômeno ideológico por excelência"(BAKHTIN;VOLOCHÍNOV,2014,p.36); portanto, as palavras são signos carregados de ideologia. Um mesmo signo pode agradar alguém, enquanto desagrada a uma outra pessoa, pois, "na realidade não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc." (ibid., p.99). Sabemos que a mídia foi responsável por informar as pessoas sobre o processo de destituição presidencial de Dilma e por debater esse processo, sendo assim, consideramos importante entender de que maneira são construídos os discursos,

capazes de convencer os interlocutores de que o processo foi legal ou ilegal, motivando e influenciando determinados posicionamentos da população.

Materiais e Métodos

O corpus para análise é composto por artigos de opinião de colunistas convidados e assinantes da Folha de São Paulo. Os artigos selecionados foram publicados entre um mês antes do início do processo de impeachment (15/11/2015 à 15/12/2015) e um mês depois do afastamento de Dilma Rousseff da presidência do Brasil (29/08/2016 à 29/09/2016). Os colunistas autores dos textos selecionados são: Leandro Colon, Janio de Freitas, André Singer e Bernardo Mello Franco. Nosso método de análise se inicia com o levantamento dos textos que utilizam os signos "golpe" e "impeachment". Em seguida, atendendo as orientações de BAKHTIN/VOLOCHINOV (2014), retomamos os contextos mais amplos e mais imediatos em que os enunciados foram produzidos e, por fim, observamos com que juízos de valor estão carregados os discursos, separando os textos que apresentam posição pró ou contra "impeachment" e pró ou contra "golpe".

Análise dos enunciados

Leandro Colon, colunista convidado da Folha de São Paulo nos diz o seguinte:

> Ele [Garibaldi] é um dos seis senadores **pró-impeachment** que integraram o ministério de Dilma. **"Eu poderia até votar contra o afastamento se ela tivesse me conquistado, me sensibilizado"**.[...]Com a cassação do mandato presidencial, Dilma Rousseff perdeu o foro privilegiado que a **blindava** dos atos de Curitiba. Costuma-se dizer em Brasília que a Lava Jato caminha meses à frente de todos nós.(COLON,Leandro.*Dilma paga no senado preço por desprezar ex-ministros*, 27/08/2016,grifo nosso).

Quando o autor usa o signo "blindava" para se referir ao foro privilegiado de Dilma enquanto ainda era "presidenta", ele apresenta um juízo de valor: ela estaria protegida, inacessível, portanto blindada, contra as ações da lava jato. Ao discutir o ser pró ou contra o impeachment, o colunista parece indicar que ele próprio é contra porque o impeachment não estaria orientado por questões de ilegalidade no governo da presidenta, mas por aspectos pessoais dos políticos votantes.

> (...) **Os que negam o golpe o fazem como todos os seus antecessores em todos os tempos: nenhum golpista admitiu ser participante ou apoiador de um golpe.** Desde o seu primeiro momento e ainda pelos seus remanescentes, o golpe de 1964, por exemplo, foi chamado por seus adeptos de "Revolução Democrática de 64" (FREITAS,Janio. *Nenhum golpista já admitiu ser golpista.*01/09/2016,grifo nosso).

O colunista Janio de Freitas fala sobre o processo de impeachment como sendo uma forma muito explícita de executar o "golpe" - marcado pela ilegalidade, pela não legitimidade; isto fica evidente à medida que ele alerta que os que cometem "golpe" nunca admitem que cometeram. Faz menção ao passado e resgata um discurso anterior muito conhecido pela população, cita o golpe de 1964 e o impeachment de Collor, comparando os dois momentos anteriores com o atual. Faz os leitores relembrarem o passado obscuro da política brasileira e utiliza dessa memória para validar seus argumentos.

> **O golpe parlamentar se consumou, encerrando este ciclo do lulismo, com danos à democracia.** Mas, ao garantir, no último minuto, a manutenção dos direitos de Dilma, o Senado mandou um recado à plateia, com uma piscadela: não houve

> mesmo crime de responsabilidade, a ré é inocente, caiu por razões políticas. (SINGER,André. *Shakespeare volta ao planalto*. 03/09/2016,grifo nosso).

Para o autor, Temer, um governante pelo "golpe" (portanto, ilegítimo), está preocupado apenas com seus interesses e de seus aliados. A falta de legalidade e de legitimidade na deposição da presidenta provoca "danos à democracia". As razões pelas quais a presidenta foi deposta estão relacionadas, segundo o autor, a jogos e interesses políticos. É nesse sentido que o autor assume a posição de que se trata de um "golpe". No enunciado concreto , na interação social, o signo é carregado ideologicamente e apresenta a posição de quem o enuncia.

> **Pela terceira vez, o PMDB chega ao Planalto sem passar pelas urnas**. O novo presidente deve o cargo aos 61 senadores e 367 deputados que o alçaram ao poder. Sem a força do voto popular, terá que **saciar os apetites do Congresso** para enfrentar a recessão e cumprir a promessa de "recolocar o Brasil nos trilhos".[...]Entre muitas incertezas pela frente, está o futuro da Lava Jato. Num diálogo famoso, dois **barões do PMDB** defenderam a queda da presidente como um atalho para frear a operação, que ameaça implodir os maiores partidos brasileiros. "Tem que mudar o governo para estancar essa sangria", disse Romero Jucá. **Dos 13 senadores investigados, 10 votaram pelo impeachment**. Os próximos meses mostrarão se eles se iludiram ou se estamos diante de um "**grande acordo nacional**" (|FRANCO,Bernardo.M.*O dia* seguinte.01/09/2016,grifo nosso).

Neste trecho percebe-se que Bernardo relaciona a Lava Jato ao processo de deposição como tentativa inconstitucional de retirar Dilma (PT) do governo. O colunista comenta que pela terceira vez o PMDB chega ao planalto sem passar pelas as urnas, ou seja, se eles assumiram a presidência por outro meio que não a eleição direta a partir da escolha do povo foi inconstitucional e, portanto, ilegal e, sobretudo, ilegítimo. Convencer o leitor de que o PMDB e demais oposicionistas ao governo do PT são imorais é uma forma de inocentar Dilma e tirar o foco dos escândalos que envolvem o presidente do Partido Trabalhista e demais partidários.

Resultados e Discussão

Apesar de serem usados por todos os colunistas, os signos "golpe" e "impeachment" não têm o mesmo valor nesses discursos. Percebemos que, para Jânio de freitas e André Singer, o signo "golpe" criminaliza os tucanos e peemedebistas, inocenta Dilma e favorece o PT no sentido de dizer que o processo de impeachment é ilegal. Já para Leandro Colon e Bernardo Melo Franco o signo "golpe" carrega o valor de prejuízo ao povo, dizer que foi golpe para eles é atestar que toda política atual está ferindo a democracia. Um aspecto em comum entre os discursos dos colunistas é a insatisfação com o regime político no Brasil atual, mesmo os que defendem o PT alegam que quem controla o país são os parlamentares e os votos no congresso, independente de estar acordado com o povo ou não.

Conclusões

A partir da análise dos enunciados, é possível perceber que o "impeachment" e o "golpe" são signos que dividem opiniões, a escolha de qual termo deve ser utilizado está ligada a visões de mundo e juízos de valor socialmente localizados. A persuasão existe, como podemos ver nos textos citados acima, porém a decisão é particular de cada cidadão(leitor/telespectador/ouvinte), a visão de mundo, lugar social, ideologia individual de cada enunciador/enunciatário é o que determina a

existência das variedades significativas de um mesmo signo. Por fim, consideramos importante a continuidade de estudos nesse viés. Essa pesquisa possibilitou uma breve reflexão e esperamos que a partir deste e de outros trabalhos possam surgir mais esclarecimentos sobre a linguagem em contexto nos discursos políticos veiculados pela mídia.

Agradecimentos
Agradeço à minha orientadora Cloris Porto Torquato pelo apoio e orientação no decorrer deste um ano de pesquisa e também à Fundação Araucária pela bolsa estudantil que possibilitou a execução desse trabalho.

Referências
BAKHTIN, M.; VOLOCHÍNOV, V.N.**Marxismo e filosofia da linguagem.** .16ª ed. São Paulo:Hucitec; 2014.
BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN M. **Estética da criação verbal**. 6ª ed.São Paulo: Martins Fontes, 2011.
MAGALHÃES, M. C. C.; OLIVEIRA, W. Vygotsky e Bakhtin/Volochinov: dialogia e alteridade.**Bakhtiniana.** São Paulo, v. 1, n.5, p.103-115, 1º semestre 2011.
COLON,Leandro. Dilma paga no senado preço por desprezar ex-ministros. blogs e colunas. Folha de São Paulo,2016.Disponível em:<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/leandrocolon/2016/08/1807570-dilma-paga-nosenado-preco-por-desprezar-ex-ministros.shtml>Acesso :21 ago.2017.
FREITAS,Janio. Nenhum golpista já admitiu ser golpista. blogs e colunas. Folha de São Paulo.2016.Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/janiodefreitas/2016/09/1809033-nenhum-golpista-ja -admitiu-ser-golpista.shtml>Acesso em:21. ago.2017.
SINGER,André. Shakespeare volta ao planalto. blogs e colunas. Folha de São Paulo.2016.Disponível em:<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/andresinger/2016/09/1809887-shakespeare-vai -ao-planalto.shtml>Acesso em :21.ago.2017.
FRANCO,Bernardo.M. O dia seguinte. blogs e colunas. Folha de São Paulo.2016.Disponível em:<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/bernardomellofranco/2016/09/1809088-o-dia-se guinte.shtml>Acesso em:21.ago.2017.